

RESENHA DO LIVRO “SOU MACUXI E OUTRAS HISTÓRIAS”, DE JULIE DORRICO

Ana Laura de Moraes Uba e Barbosa⁴⁴¹

Maria Eduarda Câmara⁴⁴²

DORRICO, Julie. Eu sou macuxi e outras histórias. 1ªed, Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019.

Autora: Julie Dorrico é uma importante autora e ativista indígena contemporânea, que nasceu em Rondônia e pertence ao povo Macuxi. É pesquisadora e curadora de literatura indígena, e doutora em teoria da literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Em seu trabalho de valorização da literatura indígena, é uma das administradoras do perfil @leiamulheresindigenas do Instagram e coordena o Grupo de Estudo em Memória e Teoria Indígena (Gemti⁴⁴³). Além disso, é colunista da plataforma Ecoa na UOL, na qual escreve textos, apoiada pelo Itaú cultural, que abordam várias temáticas ligadas aos povos originários, entre elas a literatura indígena. Ela é uma das autoras do livro “De repente adolescente” (2021), coletânea de contos sobre as primeiras experiências da adolescência. Além disso, ela é uma das organizadoras dos livros “As diferenças no ensino de filosofia: reflexões sobre filosofia e/da educação”, “Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção” e outros, sendo autora também de vários artigos.

⁴⁴¹Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8347980571948410>. E-mail: analaurauba@me.com.

⁴⁴²Graduanda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8087742017391379>. E-mail: maria.camara@aluno.ufop.edu.br.

⁴⁴³Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/encontros/encontros-com-a-nova-literatura-brasileira-contemporanea-julie-dorrigo>. Acessado em 26 de março de 2022.

Julie Dorrico, ocupa as telas e se articula nas mídias sociais de maior visibilidade na web como Instagram e YouTube, dedicando-se na colaboração de visibilizar e fortalecer o trabalho de diversos autores e demais lideranças indígenas que atuam no Brasil, como Márcia Kambeba, Auritha Tabajara, Sonia Guajajara, Daniel Munduruku, Cristino Wapichana, Eliane Potiguara e vários outros, possibilitando dentro da própria noção de autoria, o fortalecimento do movimento indígena contemporâneo que ocupa espaços nas mais diversas formas de artes e ciências. Julie Dorrico, com sua escrita incisiva e crítica, mostra-se sempre preocupada em evidenciar denúncias e demonstrar seu incômodo, às violências históricas que sujeitos e comunidades indígenas enfrentam por parte da nossa sociedade e de nossas instituições.

Ilustrador: Gustavo Caboco nasceu em 1989 na cidade de Curitiba. O artista vivenciou sua identidade indígena através da convivência com sua mãe, Lucilene, que foi desterrada de sua comunidade indígena Canauanim (Roraima), aos dez anos de idade. No ano de 2001, Gustavo Caboco acompanhou sua mãe em seu primeiro retorno à sua terra de origem, e a partir desse movimento multiplicaram-se seus vínculos com a história de resistência de seu povo, e com sua cosmovisão. Gustavo Caboco é um escritor visual Wapichana e trabalha na rede Paraná-Roraima e nos caminhos de retorno à terra indígena Canauanim. Sua pesquisa se produz nos encontros com os parentes, e é apresentada através de desenhos, bordados, textos, vídeos, murais, etc. Caboco trabalha com sua arte sendo exposta em vários locais. Ele é autor e ilustrador do livro *Baaraz Kawau* – “o campo após o fogo”, feito após o incêndio do Museu Nacional em 2018.

Conectados a propósitos íntimos de resgatar suas origens, Julie Dorrico e Gustavo Caboco, reafirmam-se na busca de seus laços indígenas, de

conhecê-los, compreendê-los e valorizá-los. Ambos preocupam-se em encorajar quem está também nessa luta pelas origens, seja de forma individual ou coletiva. A obra e todo o relato presente no livro, procura a valorização do eu e da vida coletiva, podendo ser definido como um acalento ao resgate das raízes e ao turbulento processo de construir e entender o nosso próprio interior. Tal questão é ainda mais intensificada no corpo indígena, que teve ao longo de seu percurso de existência, apagamentos de sua própria estima, memória e protagonismo. Em síntese, a obra é um convite a retomada de todos os seres em busca do próprio pertencimento.

Adentrando a obra “Eu sou Macuxi e outras histórias”

Julie Dorrigo, na dedicatória, enfatiza que seu livro é dedicado a alguns familiares específicos, mas direciona seu livro a todos aqueles que buscam sua ancestralidade. Tendo em vista essa coletividade que abarca desde crianças até adultos, Julie escreve de forma extremamente didática, sendo que suas palavras podem ser compreendidas e sentidas por seu amplo público.

Pensando sobre a acessibilidade dos escritos de Dorrigo, e a narração de histórias ao lado de ilustrações, é interessante que façamos um exercício de reflexão. Segundo Souza⁴⁴⁴, quando livros da literatura indígena contemporânea encontram o caminho para o mercado externo das livrarias nos grandes centros urbanos do país, não é incomum encontrá-los na seção de Literatura Infantil. Sendo assim, mesmo que essa literatura tenha crescido cada vez mais e os textos tenham teorias e críticas muito bem fundamentadas, permanece comum a negligência acadêmica e de instituições literárias nacionais, que menosprezam esses livros, sem considerar

⁴⁴⁴ SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. P.235.

seu grande valor literário. Sobre esse assunto é interessante deixarmos um questionamento retórico: O livro de Julie Dorrico é infantil, ou ele simplesmente foge de uma linguagem ocidental, chamada de complexa, que é entendida por poucos?

O livro de forma geral, coloca-se como estratégia de criação de um mundo próprio, por meio de escritos poéticos que elaboram uma espécie de despertar do mundo colonial, aliado a busca de origens, tendo em vista o seu recente autorreconhecimento como mulher indígena integrante do povo Macuxi. Os Macuxi, são um povo de filiação linguística Karíb, que habitam a região das Guianas, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi, território atualmente partilhado entre o Brasil e a Guiana. Tomados em conjunto, formam uma unidade étnica mais ampla, os Pemon. Moradores de uma região de fronteira, os Macuxi vêm enfrentando desde pelo menos o século XVIII, situações desfavoráveis em razão da ocupação não-indígena na região. Protagonizaram nas últimas décadas, em conjunto com outros povos da região, uma luta pela homologação da Terra indígena Raposa Serra do Sol, ocorrida em 2005⁴⁴⁵.

Julie Dorrico afirma que escreveu esse livro, objeto que foi usado por não indígenas para contar a história dos povos originários por séculos, a fim de ocupar um espaço de autoria, para que narrativas sobre os povos indígenas sejam contadas partindo de dentro desses espaços. Seus escritos possuem como pano de fundo essa procura por raízes, se constituindo por várias histórias extremamente poéticas e que são carregadas da subjetividade da autora. As ilustrações de Caboclo são colocadas em sintonia com os escritos, de forma a tornarem-se uma parte essencial para o entendimento da história e da **conexão** ancestral proposta.

⁴⁴⁵ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>. Acessado em 25 de abril de 2022

Um aspecto extremamente importante para destacarmos nesta obra, é que Dorrico coloca os indígenas caracterizados por terem pele amarela, e não vermelha como consta no IBGE. Essa informação é interessante para pensarmos como os povos originários se veem. Um outro aspecto relevante, que precisamos ter em mente ao ler o livro, é o grande apagamento indígena que ocorre através das denominações de raça no IBGE. Em uma entrevista para uma reportagem feita para a UOL, Julie Dorrico afirma “eu sou classificada como parda, mas a minha amiga que é pataxó, a minha amiga que é guarani, minha amiga que é kariri-xocó, elas também têm isso na certidão, carregam essa marca do pardo, mas são indígenas”⁴⁴⁶.

Essa crítica ao termo pardo, é feita por vários ativistas indígenas, que alegam que tal expressão tem sido usada há muito tempo para tornar as identidades indígenas “invisíveis”. Sobre essa discussão, em abril de 2021 ocorreu o evento “Não sou Pardo, sou indígena”, uma grande mobilização para que povos originários se autodeclarassem no censo de 2022. Neste evento, destacou-se que as palavras “*parda e mestiço*” são truques coloniais, que produzem categorias de pobreza, ao promoverem a exclusão do reconhecimento da identidade indígena.

Analisando tal evento, Aílton Krenak, afirmou que ele é parte de um esforço de mobilização indígena nacional para incentivar a autodeclaração, no próximo censo, de indígenas que se identificaram como pardos em censos anteriores⁴⁴⁷. Esse posicionamento e reconhecimento identitário, diante dos estigmas de fenótipo, se faz urgente para mantermos o respeito e resguardamos a memória. Além disso, é importante

⁴⁴⁶Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/04/quando-me-descobri-indigena-conheca-a-escritora-julie-dorrico.htm>. Acessado em 26 de março de 2022

⁴⁴⁷Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2021/06/nao-sou-pardo-sou-indigena-mobilizacao-indigena-para-autodeclaracao-no-censo-de-2022/>. Acessado em 26 de março de 2022

principalmente para marcar e reivindicar a auto-inscrição, a preservação e construção de memórias, direitos e lugares sociais, que por muito tempo vem sendo desrespeitados, apagados e postos à marginalização como algo sem importância.

Sobre essa temática do termo pardo, Julie Dorrico enfatiza que a contagem de pardos como se fossem todos negros, é etnocida com a população indígena, inclusive, tal classificação fez que por um bom tempo, até sua ancestralidade fosse apagada. Foi aos 26 anos de idade, que a autora reconectou-se à memória e história de sua origem que se inicia com a narrativa de ser neta de Macunaíma.

Macunaíma possui um papel de destaque na narrativa de Julie Dorrico, e é importante que busquemos abordar um pouco sobre ele. Macunaíma é fortemente presente—na tradição oral da região Circum-Roraima, região que abrange Brasil, Guiana e Venezuela. Ele é um guerreiro forte, sábio e ao mesmo tempo, é uma energia densa e intensa. Os povos da região Circum-Roraima (e outros povos que o reconhecem como personagem importante), tem um laço familiar com Macunaíma, possuem uma história e uma geografia conectadas, são parentes diretos, são netos de Macunaíma⁴⁴⁸.

Ao nos aprofundarmos mais na estrutura do livro, é possível observar que ele é composto por um prefácio, escrito por Daniel Munduruku (do qual falaremos a seguir), e logo em seguida se inicia uma dezena de narrativas que podemos entender como pequenos capítulos. Neles Dorrico traz histórias específicas, carregadas de oralidade, que vão desde narrativas de origem de povos indígenas refletem sobre a ganância do homem branco, até irmos de encontro às histórias que ela ouvia de sua avó, e relatos de

⁴⁴⁸ ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim!. ILLUMINURAS, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018. P.p 11,12.

vivências da infância da autora. Ao fim do livro, ganhamos um interessante glossário com as “traduções” em português, das palavras em macuxi que foram usadas no decorrer do texto. Além disso, há também, verbetes mais elaborados, descrições mais amplas de expressões e palavras formuladas pela autora que transcendem seus significados superficiais e trazem ao leitor uma ampla possibilidade de construir significados mais amplos e afetivos. Tal movimento pode permitir a construção de certo pertencimento, e também um maior interesse de conhecer e respeitar tradições originárias como por exemplo a cosmologia dos “encantados”.

Daniel Munduruku é graduado em Filosofia, em licenciatura em História e Psicologia, é Doutor em Educação pela USP, e pós-doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Ele é escritor e ativista indígena possuindo mais de cinquenta livros publicados que tem como público alvo: crianças, jovens e até educadores. Para Cristino Wapichana, Munduruku é o maior escritor indígena, sendo responsável inclusive, por auxiliar vários outros escritores a conseguir visibilidade para serem publicados⁴⁴⁹. No prefácio extremamente poético e poderoso, Munduruku, aborda sobre como a memória é a grande descoberta do ser. Ela está sempre nos rodeando, pronta para nos contar sobre nossas origens, nossas histórias, nossa ancestralidade.... Segundo ele, somos frutos da memória, e ela faz com que busquemos e afirmemos nossas raízes. E, esse caminho, de busca pelas origens, foi, segundo Munduruku, trilhado por Dorrico, que procurou esvaziar-se para ser preenchida pelo pertencimento e pela memória indígena. E no processo dessa trajetória, Dorrico elegeu a escrita como um meio no qual irá encontrar e reafirmar a sua ancestralidade, e contribuir para que outras pessoas vivam esse processo.

⁴⁴⁹DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Literatura Indígena brasileira contemporânea. Criação, Crítica e Recepção, 2018.

Entre os vários aspectos que marcam a obra, é de extrema importância destacar sobre a variedade linguística que envolveu a criação da autora. Sua origem materna se conecta com o idioma Macuxi, trazido pela avó; mistura com o inglês de sua mãe e o português que é a língua colocada como “principal” da autora. Tal diversidade de línguas se deve ao fato dos povos macuxi estar presente em vários locais, como Roraima (Brasil) e Guiana. Inclusive, é isso que acontece com sua família, sua mãe foi alfabetizada com o inglês, que é a língua oficial da Guiana, enquanto Dorrico teve o português selecionado como idioma central. A mistura dessas línguas, e dessas culturas é apresentada no decorrer do texto, considerada pela autora como algo importante na sua formação como pessoa. Nesse cenário, Julie Dorrico afirma que apesar do português ter sido elencado como a sua língua “principal”, ela não aceitou ser única, e foi privilegiando sua língua macuxi, em conexão com as outras, desenvolvendo uma linguagem singular, enfatizando sua origem indígena.

Um exemplo da criação dessa nova linguagem” é a palavra “*pilô*”, que origina do inglês *pillow* (que significa travesseiro). Essa busca por valorização da língua originária por parte da autora se torna ainda mais fundamental, quando pensamos que foi a partir de narrativas orais que os povos originários transmitiram os seus vários conhecimentos, os seus aspectos culturais e identitários entre as gerações⁴⁵⁰ Sendo assim, o apagamento das línguas indígenas também é uma forma de etnocídio e epistemicídio⁴⁵¹ dessas populações, e em contrapartida, a valorização feita por Dorrico pode contribuir com sua preservação. Inclusive, um ponto a ser ressaltado, é

⁴⁵⁰ DE SOUZA SARAIVA, Eduardo. A literatura dos povos indígenas canadenses e a construção do conhecimento através da lenda e da tradição oral. Revista Garrafa, v. 18, n. 52, pág. 225-246.

⁴⁵¹ Para saber mais sobre os termos ler: CARNEIRO, Sueli. Do epistemicídio. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2005.

que nesse ano de 2022, se iniciou a “Década Internacional das Línguas Indígenas”, instituída na Assembleia Geral das Nações Unidas, que tem por objeto, preservar as centenas de línguas originárias no Brasil, que correm risco de extinção⁴⁵².

Voltando mais ao livro em si, e em seu decorrer, Dorrico nos conta sobre sua história, a de sua mãe, sua avó, de seus ancestrais no geral, abordando, aliás, sobre o surgimento de Macunaíma e seus manos deuses, colocando indígenas e não indígenas como parentes. Porém, segundo ela, a ganância do irmão deus caçula, o homem branco, fez com que ele quisesse ser Deus (com D maiúsculo) e que menosprezasse a floresta e os povos originários, afirmando que eles não tinham direito às suas ciências, crenças, artes, literaturas e até mesmo as suas terras. Sendo assim, o homem branco buscou exterminar os povos indígenas, das mais diversas formas, inclusive através do epistemicídio.

Porém, apesar dos tristes massacres, os filhos da Mãe Terra resistiram e continuaram nascendo. A autora ao tratar da resistência constante dos povos originários e da imposição do homem da mercadoria⁴⁵³ ressalta a luta recente por ocupar vários espaços, por múltiplos povos. Nesse sentido, destaca a existência da Rádio Yandê, da leitura indígena contemporânea, dos artistas plásticos indígenas, enfim, do espaço de autoria e produção que os povos originários lutaram e lutam para alcançar, para transmitir sua ancestralidade.

Retornando a essa temática do homem da mercadoria, é interessante destacarmos a importante obra "A queda do céu", do xamã

⁴⁵²Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional-amazonia/2022/01/2022-comeca-com-a-decada-internacional-das-linguas-indigenas#:~:text=A%20D%C3%A9cada%20Internacional%20das%20L%C3%ADnguas,povos%20de%20at%C3%A9%20100%20pessoas>. Acessado em 26 de março de 2022

⁴⁵³ Homem do capital, capitalista.

yanomami Davi Kopenawa, em parceria com o antropólogo Bruce Albert, livro que Julie teve interesse em estudar em seu doutorado na PUC-RS⁴⁵⁴. Em “A queda do céu”, os autores afirmam que em sua origem, a terra dos antigos brancos era parecida com os dos povos yanomami, porém, aos poucos eles foram rejeitando os ensinamentos de seus antigos. Sendo assim, eles derrubaram todas as florestas de suas terras para fazer roças cada vez maiores, e começaram a se apaixonar pelo metal como se fossem pessoas, e isso os fez esquecer da beleza da floresta, “por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados, por um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite⁴⁵⁵”. Ao realizarmos um paralelo dos escritos de Julie, com os autores de “A queda no céu”, podemos observar a questão comum, do homem branco se transformando e se reafirmando como homem da mercadoria, que privilegia objetos a pessoas.

Julie Dorrico nas histórias que conta sobre sua avó, nos fala sobre a necessidade de ter uma tradutora, já que não falavam a mesma língua, e enfatiza a figura de sua avó como extremamente sábia e portadora de grandes ensinamentos e ancestralidade. Ao abordar sobre histórias de sua vida, nos fala sobre seu contato íntimo com a natureza, com os bichos, com as práticas de plantar mandioca, de ouvir histórias, etc. Ao falar sobre a ganância, ela traz a figura de seu pai, que segundo ela enlouqueceu pelo ouro. Tornou-se oco, e morreu aos poucos, enquanto matava a natureza ao seu redor pela ganância predatória.

Por fim, após essa abordagem geral sobre o conteúdo dos escritos de Julie Dorrico, tendo em vista o eixo central do livro, que é a busca pelas

⁴⁵⁴<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/04/quando-me-descobri-indigena-conheca-a-escritora-julie-dorrico.htm>?. Acessado em 26 de março de 2022.

⁴⁵⁵ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2019. P.407

raízes, é adequado nos deter no último capítulo. Em "O encontro com Makunaima", Dorrico nos conta de forma poética e envolvente, sobre o chamado espiritual e amoroso em um sonho que Macunaíma apareceu a ela, dizendo-a que já era hora dela se reconhecer como pemon-macuxi. A autora aceita esse chamado, e diz que a partir daquele momento, ela sabia que era "pimenta, panela de barro, cobra, damorida, onça, olho puxado, cabelo preto, pele amarela. Eu finalmente posso dizer, com ternura, que sou macuxi⁴⁵⁶".

Em conclusão, podemos afirmar, que o livro de Julie Dorrico é um convite para descobrir, conhecer e vivenciar a ancestralidade. É um meio de ter contato com narrativas sobre povos originários, da perspectiva deles próprios, compreendendo e respeitando suas lógicas e concepções de mundo. É um convite, de forma didática, verdadeira, acessível e ao mesmo tempo complexa, de descolonizar nossas mentes e corações, através do conhecimento de autorias indígenas.

Referências Bibliográficas

- CARNEIRO, Sueli. Do epistemicídio. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese de Doutorado, 1ªed, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2005. 339 p.
- DE SOUZA SARAIVA, Eduardo. A literatura dos povos indígenas canadenses e a construção do conhecimento através da lenda e da tradição oral. Revista Garrafa, v. 18, n. 52, 2020, p.p. 225 - 246.
- DORRICO, Julie. Eu sou macuxi e outras histórias. 1ªed, Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019. 108 p.
- DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. Literatura Indígena brasileira contemporânea. 1ªed, Criação, Crítica e Recepção (recurso eletrônico). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. 424 p.

⁴⁵⁶ DORRICO, Julie. Eu sou macuxi e outras histórias. Nova Lima: Editora Caos & Letras, 2019. p.10.

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim!. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, jan/jul, 2018, p.p. 11-39

GIACOMO, Di Fred. "Quando me descobri indígena", conheça a escritora Julie Dorrico. Uol, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/06/04/quando-me-descobri-indigena-conheca-a-escritora-julie-dorrico.htm>? Acesso em 26 de março de 2022.

MENDES, Karla. Não sou pardo, sou indígena. Mobilização indígena para autodeclaração no censo de 2022. Mongabay, 2021. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2021/06/nao-sou-pardo-sou-indigena-mobilizacao-indigena-para-autodeclaracao-no-censo-de-2022/>. Acessado em 26 de março de 2022.

SANTILLI, Paulo. Macuxi. Instituto Socioambiental, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>. Acessado em 25 de abril de 2022

SILVA, da Fabiana Carneiro. Encontros com a nova literatura brasileira contemporânea: Julie Dorrico. Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/encontros/encontros-com-a-nova-literatura-brasileira-contemporanea-julie-dorrico>. Acesso em 26 de março de 2022.

SOUZA, Gilda de Mello e. O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma. 2ªed, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. 96 p. (Coleção Espírito Crítico)